

Edição 013/ Outubro de 2023

# O ODISSEU

## A Literatura dos Sonhos

Quando a fantasia invade o texto

Da Polifonia de Bakhtin ao imaginário popular: uma interseção com o teatro de Zé Celso

Denni Sales é o autor convidado da Revista O Odisseu do mês de outubro para falar sobre teatro, imaginário popular e Zé Celso

### REPORTAGEM!

"Literatura infantil e o imaginário do adulto brasileiro": Como a literatura infantil moldou leitores maduros

Sobre o encontro dos sonhos surreais e os sonhos dos Yanomami

Aline Félix

resgata a filosofia ancestral indígena para dialogar com as vanguardas modernistas





## Sobre Leonora Carrington

A edição deste mês foi pensada a partir da leitura dos textos e obras visuais de Leonora Carrington. Leonora Carrington foi uma artista britânica nascida em 1917 e falecida em 2011. Ela é mais conhecida por sua contribuição ao movimento surrealista e é considerada uma das figuras mais importantes desse movimento no século XX. Carrington era tanto uma pintora quanto uma escritora talentosa. Ela combinava suas habilidades literárias com suas pinturas, criando narrativas visuais que eram muitas vezes enigmáticas e cheias de simbolismo.

**Arte: The Giantess (The Guardian of the Egg), 1947.**

© Estate of Leonora Carrington / VISDA.



## Sumário

"A Literatura dos Sonhos", de Aline Félix - p. 2

"Elogio a Chico César", de Ewerton Ulysses Cardoso - p. 3

"A Potência do Sonho Coletivo", de Grazielli Fernandes - p. 5

"Sobre o encontro dos sonhos surreais e os sonhos dos Yanomami", de Aline Félix - p. 7

"Sobre a vida eterna e a vida que vale a pena", de Pedro Henrique Rodrigues - p. 9

"Pesadelos são os materiais dos quais são forjados os sonhos", p. 12

Saiba como apoiar a revista - p. 15

"Da Polifonia de Bakhtin ao imaginário popular: uma interseção com o teatro de Zé Celso", de Denni Sales - p. 16

"Literatura Infantil e o Imaginário do Adulto Brasileiro", Reportagem de Ewerton Ulysses Cardoso - p. 19

"Sonho Intranquilo das Civilizações", de Hyann Pedro Rodrigues - p. 22

Expediente - p. 25



LEONORA CARRINGTON:  
The Magical World of the Mayans, 1963

Editorial

## A Literatura dos Sonhos

Aline Félix  
Editora e Colunista

**G**ostaria de te convidar a, antes de começar essa leitura, entrar no app do Spotify e colocar para tocar a playlist "A Literatura dos Sonhos", que está no perfil "Revista O Odisseu – Playlists!".

Agora sim, depois desse pedido, te conto que nesta edição resolvemos falar sobre sonhos, e ao fazermos essa proposta aos nossos colunistas, não podíamos imaginar os caminhos oníricos que esses textos nos levariam.

E é aí que o meu pedido se justifica, pois ao ouvir a playlist, te coloco em sintonia com a próxima leitura, onde Ewerton Ulysses Cardoso nos conduz por uma sinfonia onírica chamada Chico César, uma potência que nos faz sonhar já nos primeiros acordes, porque Chico é alma ancestral.

Sonho e ancestralidade também estão presentes em outros dois textos: no texto recheado de sensibilidade e uma pitada de esperança no futuro, escrito por Grazielli Fernandes, onde ela faz reflexões sobre o livro "Sonho Manifesto" de Sidarta Ribeiro e a realidade que vive como educadora. E no meu

texto, onde os Yanomamis fazem coro, não só com o autor escolhido pela Grazi, mas também com a escritora surrealista Leonora Carrington, uma mistura não muito comum, mas o que é comum no surrealismo e nos sonhos?

Mas nem só de bons sonhos se faz a vida e os textos, Pedro Henrique traz sua intensidade característica em dois momentos, ambos trazem como pano de fundo a finitude, mas como palavra de ordem a VIDA, pois conforme ele mesmo diz em um dos textos: "Viver continua um mistério, às vezes sonho, às vezes pesadelo."

Se falamos de Vida, precisamos falar de Zé Celso, e Denni Sales fez isso lindamente, trazendo os conceitos e a profundidade do legado desse artista imenso, que mesmo diante de sua finitude, nunca se acabará.

Outro imortal que participa desta edição da revista é Marcus Vinícius Rodrigues, membro da Academia de Letras da Bahia, que conversou com Ewerton Cardozo sobre a importância da literatura infantil para a construção do imaginário do adulto.

Então, para que você possa adentrar os textos sonhados e escritos por nossos colunistas, deixei para o fim o texto de Hyann Pedro, porque logo nas primeiras linhas ele justifica o tema de nossa revista neste mês, que fala sobre música, teatro, mas principalmente sobre literatura, quando nos traz a fala de Antônio Cândido que diz: "A literatura é o sonho acordado das civilizações."

Agora sim, sejam bem-vindos aos nossos sonhos!

## Elogio a Chico

### César

Ewerton Ulysses Cardoso  
Editor e Colunista

#### I

Soa a flauta no auditório. Os mais sensíveis sabiam de cara o que estava por vir. Muitos sorriram. À frente dos músicos de finos e eruditos instrumentos, o popular Chico César e seu igualmente popular violão. A regência da orquestra é de M. Ramos: Orquestra Sinfônica de Minas Gerais, "Sinfônica Pop".

Chico César é um homem negro e seu cabelo é uma juba de leão lindíssima. Uma coroa para a majestade.



Foto de Chico César/ Divulgação. Disponível em:

<https://fpabramo.org.br/focusbrasil/wp-content/uploads/sites/11/2023/02/chico.png>

O cantautor se concentra no dedilhar inicial da música. Violinos e violoncelos o acompanham. Nos primeiros versos, brota o sorriso que esperávamos. Da plateia, ouvem-se alguns gritos. Sim, estávamos esperando por isso!

Amarra dzaiá soiê  
Dzaiá dzaiá  
Ai iii iinga dunrã

#### II

"Quero convidar ao palco novamente Chico César... Chico..."

Maria Bethânia organiza as partituras. Do canto do palco, surge um jovem Chico César tão tímido. Ouve o chamado da Abelha Rainha e se aproxima com um olhar de menino levado e apaixonado: olha de baixo para cima. Chega

perto da Rainha e a abraça com timidez. Neste show, "Noite Luzidia", Bethânia convidou grandes nomes da música popular brasileira para cantar com ela. Os convidados eram os compositores das músicas que ela iria cantar. Entre eles estavam Gilberto Gil, Adriana Calcanhotto (teve selinho naquela noite), Ana Carolina, Arnaldo Antunes e outro Chico, o Chico Buarque.

A gravação do disco foi em 2001, uma comemoração aos 35 anos de carreira de Bethânia. Na ocasião, Chico César ainda era um compositor iniciante. Tinha emplacado hits, mas quase sempre na voz de outros artistas. "À Primeira Vista", sucesso absoluto, ficou conhecida como música de Daniela Mercury, mas é Chico o compositor.

Tinha tanta humildade o Chico, não que não tenha hoje, mas é que ali, ele entrava no palco com um coração agradecido. Dava para ver,

em seus olhos, que se sentia privilegiado em ser ouvido. O privilégio mesmo era daqueles que puderam ouvi-lo. Bethânia e Chico cantam "Antes que Amanheça". Em algum momento da música, Chico erra. Entra com o verso errado. Bethânia rapidamente entra com o correto e ele parece não saber onde enfiar a cara. Não é todo dia que se canta com uma

divindade! Bethânia o abraça, quase que num abraço maternal, como quem diz: "não se preocupe, bobo, você está indo ótimo".

Ele estava mesmo.

Chico César possui a maior voz de sua geração. É um compositor que compõe com alma. Escorre as palavras no papel, nos acordes, um ser genuinamente artista. É sonho, magia, é pura beleza a música de Chico César. É música que se ouve com o peito aberto. Quem tem coração, chora.

#### III

Tá tudo aceso em mim  
Tá tudo assim tão claro  
Tá tudo brilhando em mim  
Tudo ligado  
Quem inicia a homenagem à Maria

Bethânia no Prêmio da Música Brasileira é Adriana Calcanhotto. Sim, Bethânia e Chico são caminhos que se cruzam. São dois rios caudalosos, jamais intermitentes, jamais secam, jamais cessam. Rios de águas perigosas, ardilosas, afundam barqueiros, cheios de mistérios, correntezas traiçoeiras. São Rios que se encontram. Outro rio é Adriana Calcanhotto, outro é Arnaldo Antunes. O segundo segue a primeira na homenagem e canta a música de sua autoria que foi gravada por Bethânia.

Lua Vermelha  
Ave, flecha, pluma  
Pérola Madura  
Sono do dragão

...

Eu sempre te quis  
Eu sempre te quis

Entra Chico César em segunda voz nos últimos versos e forma o trio: Arnaldo, Adriana, Chico. "É nordestino esse, não é?", perguntou minha antiga namorada. "Tudo muda quando ele entra". É que até então, os dois sudestinos eram tão sóbrios, sérios. Chico já entra com risinho, descarado!

A transição de "Lua Vermelha" para "Estado de Poesia" não é fácil! São músicas diferentes. Enquanto Arnaldo canta um amor misterioso, erótico, sensualíssimo, Chico entra com uma poesia com uma canção de amor que é a solidão do nordestino na varanda da casa pensando na amada. É dolorosa, é linda. A voz do Chico é uma reza, é voz de mulher negra, cantando ladainhas nas bermas das estradas do sertão. É fim de tarde na caatinga, solo rachado sob os pés, frescor da noite para aliviar o calor do dia de lutas.

É belo, vês o amor sem anestesia  
Dói de bom, arde de doce  
Queima, acalma, mata, cria  
Chega tem vez que a pessoa que enamora  
Se pega e chora do que ontem mesmo ria  
Chega tem hora que ri de dentro pra fora  
Não fica nem vai embora, é o estado de poesia

Chico brinca no palco, corre entre os amigos Arnaldo e Adriana e faz a Adriana rir pela primeira vez desde que subiu naquele palco. A presença dele, a música, é vida, é sonho, é puro surrealismo.

IV

Chico César canta em evento oficial do Ministério da Cultura recém-empossado na pessoa da Ministra Margareth Menezes. Veste o que parece ser um enorme traje cerimonial africano. O tecido colorido. Destaque para o enorme turbante que veste na cabeça. Na foto, posa de braços abertos. Eu olho a foto e penso: "Chico César é uma Deidade".

V

Chico César no Teatro Oficina. É o velório de Zé Celso Martinez. Olhos vidrados sobre o cantor preto que até então, desacompanhado de instrumentos, rasga o silêncio da morte com seu canto forte. É uma lança, uma espada. É o dente de um predador rasgando o pano de pele da vítima. Dente canino. "Rasga Mortalha" é o nome do pássaro no Nordeste que traz o presságio de morte. O seu canto assustador é o prenúncio da morte de alguém. Quem ouve se benze. Fico arrepiado ao ouvir Chico César cantar "Beradêro".

"São sons, são sons de sins"

Chico é o sonho do Brasil todo toda noite.



O cantor e compositor Chico César  
Foto de Ana Lefaux/ Divulgação



Foto de Gayatri Malhotra/ Unsplash

Ensaio

## A potência do sonho coletivo

Grazzielli Fernandes  
Colunista

**P**ensei em escrever sobre meus sonhos oníricos, aqueles noturnos. Teria muita história para contar, pois eles, por muitas vezes, são profundos, reveladores e, ousado dizer, incomuns. Depois, meu objetivo era contar sobre meus sonhos de vida reais, de uma menina de origem humilde com muitos planos para o futuro. Mudei meus caminhos após a leitura de "Sonho Manifesto: Dez exercícios urgentes de otimismo apocalíptico", do incrível Sidarta Ribeiro. A obra foi publicada no ano de 2022, num momento quase pós-pandemia, que nos deixou profundos traumas no corpo e na alma.

Fiz uma profunda reflexão já nas primeiras páginas desse livro tão potente. Como falar dos meus sonhos individuais se o coletivo está adoecido? Como pensar em sonhar pensando em mim se a minha própria existência depende da coletividade? Como planejar um futuro sem olhar para o passado?

Sidarta diz que, se mantivermos o rumo atual, "o futuro é impossível e os sonhos estão mortos [...]. Precisamos reaprender a sonhar". **E não é um sonhar com mais dinheiro, mais**

desperdício e mais individualismo. O autor desperta nossa consciência para outra forma de sonhar: o resgate de nossa ancestralidade e uma grande reviravolta para que tenhamos um futuro. Isso não é uma tarefa fácil. Precisamos olhar para nossas relações humanas, para o meio ambiente, para o consumo desenfreado, para tudo aquilo que nos aprisiona. Devemos mudar a lógica da sociedade, em que a maior parcela da população mundial trabalha para enriquecer uma parcela ínfima de bilionários sedentos por mais. "Vivemos a era da destruição de qualquer futuro", diz Sidarta.

Eu li *Sonho Manifesto* pensando também no meu atual contexto de trabalho. Os sonhos são considerados fatores protetivos, ou seja, quem sonha - no sentido de uma perspectiva futura - tem menos possibilidade, por exemplo, de se envolver em situações de violência. Quando converso com jovens, sempre pergunto: "Quem aqui tem sonhos? E que sonhos são esses?". Ouso dizer que a grande parte desses jovens não têm sonhos, nem aqueles a curto prazo. Isso é revelador. No auge da juventude, temos um ânimo pela vida, por existir, por sabermos que há ainda um longo caminho a percorrer. Infelizmente, temos que considerar também que a pandemia afetou essa juventude, e hoje temos muitas crianças e adolescentes com problemas de saúde mental. Será que não ousam sonhar por receio do que os aguarda num futuro próximo? Não sabemos ao certo a resposta, mas é muito importante prestarmos atenção à nossa juventude.

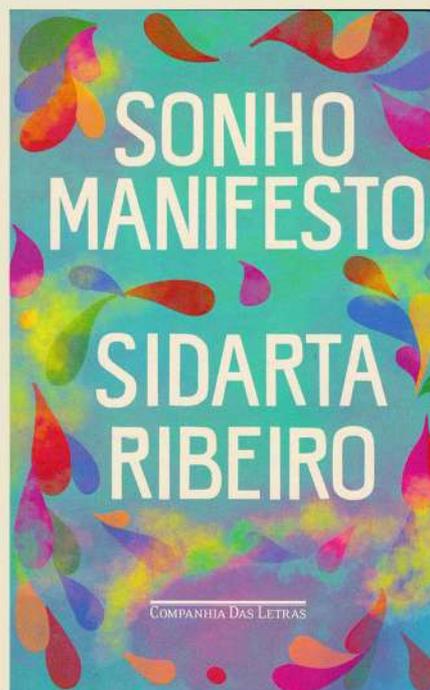
Sidarta diz que precisamos das pessoas mais jovens, que ainda não se entorpeceram por completo como nós, adultos. Olhemos para Greta Thunberg, mas também para Gelson Henrique, Alice Pataxó, Yasmin Ramos e tantos outros jovens que não se conformam com os rumos estabelecidos por nós, adultos. Também olho para o estudante da escola pública, que vê ali naquele microespaço uma possibilidade de mudança; que ali encontra um lugar de cuidado e, por isso mesmo, denuncia a violência sofrida. Eles também são revolucionários por não aceitarem o que foi imposto ou naturalizado por nossa ancestralidade. É por isso mesmo que, sempre que posso, convido os jovens a sonhar e a revolucionar!

Sidarta aponta para um fim próximo, mas sugere caminhos, dentre eles a cura de nossa pior ancestralidade, o terceiro dos dez exercícios propostos. Diz que algumas ações de nossa ancestralidade precisam ser superadas, como racismo, homofobia, machismo, classicismo. Mudar a perspectiva de "sempre foi assim" para "eu posso e vou mudar". É um confronto mesmo, uma forma de nos desacomodarmos, de mudarmos as estruturas. Curemos as dores

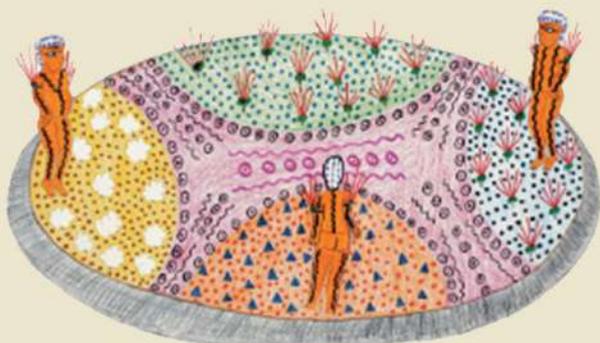
passadas para que possamos seguir em frente. Ao mesmo tempo, também devemos olhar para nosso passado e resgatar o que lá ficou de bom. A cooperação é uma dessas práticas, que, em tempos longínquos, possibilitou a sobrevivência dos seres humanos. Também precisamos transformar nossa relação com a natureza. Nossos povos originários têm muito a nos ensinar, devido à sua profunda conexão com a natureza.

Mas o que mais me angustia é quando Sidarta diz que “a sociedade dos brancos desaprendeu a arte de sonhar”, e isso porque sonhamos apenas com nossas próprias necessidades e vontades. Para mim, este é o ponto-chave: o sonhar coletivo. Nossos sonhos devem ser intencionais, transformadores, eticamente responsáveis, não apenas por nós, mas pela sociedade.

Temos que reaprender a sonhar, mas, para isso, precisamos olhar profundamente para o passado e transformar nosso presente. Não devemos aceitar o fatalismo. Temos que ser revolucionários. E então, não sonho mais individualmente. Só os meus sonhos não são suficientes para nossa sobrevivência. Sonho olhando para o lugar onde vivo, com a perspectiva de um futuro coletivo e igualitário.



Livro "Sonho Manifesto", de Sidarta Ribeiro  
Companhia das Letras (2022)



"Nossa Terra-Floresta", de Joseca Yanomami  
Reprodução/MASP

Ensaio

## Sobre o encontro dos sonhos surreais e os sonhos dos Yanomami

Aline Félix  
Colunista e Editora

"Em sonho, Kopenawa sobrevoava a floresta; seus braços se transformavam em asas, grandes como as de uma arara vermelha. Do alto, ele contemplava a paisagem. Mas, quando menos esperava, despencava no vazio e acordava em pânico, chorando."

Esta é uma fração retirada do livro "O Desejo dos Outros," de Hanna Limulja.

No livro, Hanna nos conta sobre o trabalho de pesquisa que fez na comunidade Pyaú, com os Yanomami. A pesquisa consistia basicamente em ouvir e registrar os sonhos daquela comunidade. Sonhos mesmo, que tiveram durante a noite e que, por conta de suas crenças, têm uma grande importância para a organização da aldeia, desde o dia a dia, a caça, o trabalho, como nas questões hierárquicas.

Por isso, ela escreve:

"...aquilo que experimentam sonhando é considerado tão importante quanto as experiências da vida desperta. São formas complementares de estar no mundo e de se relacionar com ele."

Davi Konepanawa Yanomami

A autora justifica a pesquisa (não que eu ache que a autora precisaria justificar, afinal eu mesma passaria horas ouvindo sobre os sonhos) dizendo:

"... porque é por meio de seus sonhos que eles fazem política, como diria o líder e xamã yanomami, Davi Kopenawa. E mais do que nunca é preciso aprender a fazer política como e com os Yanomami."

Para os Yanomami, o sonho é um lugar de voar e de fazer política, é um lugar de vivenciar situações antes que elas se tornem reais e assim, estar preparado para a realidade.

Penso que nesse ponto, os sonhos e a literatura têm o mesmo propósito.

A Literatura (e a arte como um todo, porém aqui pretendo dar ênfase aos livros) é, para mim, o lugar onde tudo pode e, por vezes, deve. Deve, porque penso que a literatura é um grande palco de discussões e deve trazer essa experimentação para quem lê.

Assim como nos sonhos, a partir da leitura vivenciamos sentimentos, sensações, elaboramos conceitos e preconceitos.

Assim como Kopenawa e penso que grande parte da humanidade, já sonhei que voava e já tive diversos sonhos extremamente loucos ou assustadoramente realistas. Mas já ocorreu de estar num sonho muito estranho e então pensar: para estar acontecendo isso, só pode ser sonho e então eu começo a organizar as coisas de forma que tudo volte ao que seria considerado normal.

Acho que nesses momentos minha racionalidade fala mais alto e acaba sufocando a criatividade.

Como leitora, também já fiz isso, um exemplo foi o livro "Kafka à Beira Mar," de Haruki Murakami. Num determinado ponto do livro chove peixe, um livro onde o protagonista se comunica telepaticamente com gatos, e isso eu podia suportar, mas a chuva de peixe, sem



Arte de Cristiane Alvarenga  
@abstratas\_cristianealvarenga

nenhuma explicação nas páginas seguintes, foi demais para mim. Larguei o livro, nunca mais voltei. Acho que hoje reagiria diferente, porque leio e sonho de forma diferente.

Em contraposição, sempre adorei o realismo fantástico de Gabo (Gabriel Garcia Márquez, para os menos íntimos) e Isabel Allende. Acho que as histórias deles conversam comigo e, apesar do absurdo, para mim, são factíveis, uma vez que são muito parecidas com as histórias que ouvi na infância e que são contadas até hoje no interior do Rio Grande do Sul.

Mas nem as descrições dos sonhos dos Yanomami, nem Murakami ou a literatura fantástica da América Latina me prepararam para Leonora Carrington e sua literatura.

Leonora Carrington foi uma artista surrealista que transportou os sonhos para telas e textos.

Recentemente descobri sua escrita através de "A Corneta." Me impactou tanto que me levou a ler "Lá Embaixo" (livro autobiográfico que conta o tempo que ela ficou internada em um manicômio) e "Um Conto de Fadas Mexicano e Outras Histórias" (um compilado de contos da autora).

Em "A Corneta," a porta de entrada é a dura realidade da velhice e o poder

transformador da amizade.

Quando Marian, a personagem principal, é obrigada a deixar sua casa e ir morar em um asilo, é como se ela abandonasse a realidade e fosse viver em um mundo onírico, de mistérios, milagres, casas em formatos inusitados e infinitas possibilidades de transformação.

A amizade entre Marian e Carmella é um dos pontos fundamentais do livro, afinal, é Carmella quem devolve para Marian a capacidade de ouvir, presenteando a amiga com a corneta acústica. Mas além da corneta, Carmella dá coragem, carinho e é uma presença constante na vida da amiga. Dizem que essa personagem foi inspirada em Remedios Varos, grande amiga de Leonora e uma surrealista que produziu obras incríveis.

Olga Tokarczuk, que ganhou o Prêmio Nobel de Literatura em 2019, escreveu o posfácio de "A Corneta" e o descreve da seguinte forma:

"A Corneta é uma obra totalmente surreal, escrita de forma onírica – em outras palavras, desprovida de consistência ou fortes conexões entre causa e efeito."

Para mim, a leitura não foi fácil, talvez por eu ter a mania de querer racionalizar as coisas e "organizar" os sonhos.

Mas o encantamento com o livro superou o incômodo, porque o livro trata de assuntos importantíssimos como etarismo, feminismo, sororidade, capitalismo, mudanças climáticas... porém, em nenhum momento você irá encontrar essas palavras.

Como diz Olga:

"Obras desse tipo não apresentam teses, mas suscitam questões que não nos ocorreriam de outra forma."

E acho que é nesse ponto que os sonhos de Leonora e dos Yanomami se encontram, porque Hanna, na conclusão do livro escreve: "...Os Yanomami não apenas pensam sobre seus sonhos, eles sonham aquilo que pensam. E é por isso que se pode dizer que os sonhos yanomami são parte fundamental de sua concepção de mundo.

Em seus sonhos escritos ou pintados, Leonora fez política, foi ativista, pensou sobre seus sonhos e sonhou suas lutas.

Nessa literatura surrealista de Leonora, ela nos traz para a realidade através do onírico, ensinamento que os nossos povos originários já sabiam, mas estamos nós ignoramos.

Segundo Davi Kopenawa: "... os napë pë (os brancos) não sabem sonhar. Sonham apenas consigo mesmos, com seu mundo familiar e suas preocupações particulares. Ao passo que o yanomami que sabe sonhar, que envolve saber o que fazer do próprio sonho, desbrava o mundo e aprende com os outros."

Enfim, como diria Nietzsche: "Nada lhe pertence mais que seus sonhos."

Sonhe!



A cidade de São Paulo./ Foto: Vinicius Low (Unsplash)

Ficção

## Sobre a vida eterna e a vida que vale a pena

Pedro Henrique Rodrigues  
Colunista e Editor

**S**ão Paulo, 20 de Setembro de 2350.

É desesperador pensar que o tempo passa e não há nada que se possa fazer sobre isso. O medo maior é que um dia - e esse dia com certeza chegará - será o meu último e, como sempre, eu nada poderei fazer para impedir. Não estou dizendo que não há maneiras saudáveis e felizes de se viver e que, quando diante do fim, não ter arrependimentos e ser grato pela oportunidade de viver. A questão que transborda - desde sempre - é o que caracteriza uma vida feliz. Com o advento da Revolução Científica e a experimentação para comprovação, o avanço da tecnologia em diversas áreas do conhecimento proporcionou o prolongamento da vida humana em países desenvolvidos e, em menor escala, em países subdesenvolvidos, como nunca se viu antes na História da humanidade. Até algumas décadas atrás, a expectativa era que a

longevidade humana seria ainda mais prolongada e, não raras vezes, surgiam possibilidades de vida eterna. Ora - pensávamos ingenuamente - se pudéssemos, de certo modo, suprimir a morte de nossas vidas, qual maior motivo teríamos para sermos plenamente felizes? Claramente, estou descrevendo um contexto idealizado do qual faria parte pouquíssimas pessoas, uma vez que grande parte da humanidade luta ainda hoje e lutarão por muitos séculos por acesso à água potável, ar respirável, moradia, saneamento básico e alimentos. Aqui mesmo em São Paulo, diante da queda intensa de temperatura há poucos dias, foram noticiadas as mortes de diversos moradores de rua. De qualquer forma, o que exponho no presente texto é que a possibilidade de vida eterna - e não no sentido bíblico - não é o acontecimento definitivo para a felicidade suprema. Tanto é verdade que soa quase que a morte pode ser um alívio feliz para uma vida infeliz.

Desde que a revolucionária empresa Eternal Life, sediada na Califórnia, Estados Unidos da América, responsável pela tecnologia que não só permite a vida eterna como também traz os mortos de volta à vida, lançou no mercado há exatos 58 anos os programas de vida eterna, o sonho de plenitude do existir se mostra cada vez mais distante. No início, alardeou-se como a maior revolução da história humana - e com grande razão. O mapeamento do substrato neural subjacente à cognição e ao comportamento e sua recriação atingiram o nível de acurácia exigido pelos órgãos que avaliam novos procedimentos na área médica. Com a nova tecnologia, foi possível restabelecer no clone humano suas memórias e sua personalidade originais. Fico devendo mais detalhamentos científicos, mas basicamente, mesmo que um corpo seja incinerado em um acidente de avião ou esteja enterrado há milhares de anos, com informações genéticas e algoritmos de inteligência artificial é possível recriar fisicamente o mesmo corpo no já então conhecido processo de clonagem, com a novidade de conseguir também restabelecer o ser humano pensante que habitara aquele corpo. Como conseguem informação genética de um corpo incinerado ou com milhares de anos também escapa de meu conhecimento. O conhecimento ainda é restrito a poucas pessoas.

A disseminação de tecnologia digital, paradoxalmente, não contribuiu para a disseminação de conhecimento. Agora, informações falsas, cotidiano de subcelebridades, pornografia e mercados ilícitos encontraram um terreno fértil para angariar bilhões de adeptos pelo planeta para serem submetidos às vontades de um pequeno e multibilionário grupo. Algumas séries e filmes de

de ficção científica já exploraram esse cenário séculos atrás. Devo frisar que o cenário retratado era um futuro afetivamente frio, sexualmente feroz e com luta de classes sociais? Pois então, as mega capitais internacionais são um retrato fiel desses ambientes imaginados há muito tempo. Embora tanto tenha mudado e tanto tempo tenha passado, o mundo ainda reverbera muito do que era no início do milênio. Ao contrário dos sucessos cinematográficos da época como O exterminador do futuro ou Star Wars, o mundo hoje é desconfortavelmente familiar. Em grande parte, a luta por água potável, ar respirável, moradia e alimento continua. As colônias em outros planetas, as viagens interestelares, os tratamentos médicos revolucionários, as cidades ecológicas: avanços ao alcance de muitos poucos. Ironicamente, mais restrita ainda é o alcance da felicidade, que nem os eternal life, como são chamados os clientes que usufruem do serviço de vida eterna, conseguiram conquistar. Primeiramente, sobre o serviço de vida eterna, alguns pouquíssimos clientes usufruem de serviço de qualidade. De qualidade? Sim, de qualidade. Afinal, trata-se de uma tecnologia que demanda mão de obra extremamente especializada e um alto custo de produção e manutenção. Isso implica que temos variações de serviços de vida eterna, que dependem do quanto você pode pagar. Os serviços oficiais oferecem experiências distintas. No serviço de maior qualidade, você não só pode escolher melhorias físicas e genéticas, como também comportamentais. Você até pode optar pelo suicídio assistido para finalizar a vida que possui e voltar - sem a memória do suicídio, é claro - com sua nova versão para aproveitar a nova vida. Distúrbios psiquiátricos? Alguns eternal life sofrem com o distúrbio de sempre quererem um corpo diferente. Não é um distúrbio exatamente novo. De qualquer forma, isso fez com que a empresa investisse bilhões para prover superpoderes aos reencarnados. Se o mortal ser humano se arrisca, imagine os imortais com superpoderes. Na manchete do jornal online, um eternal life perdeu a vida ao testar se sobreviveria à uma queda de avião com o corpo supostamente indestrutível. Outro, tentou sair de um submarino que estava nas proximidades dos destroços do Titanic. As experiências incomuns desses clientes quase sempre ocasionam danos ou até mesmo a morte de pessoas comuns, como no caso do ultra velocista que não conseguiu frear a tempo e acabou destruindo um casal de pedestres que atravessava a rua no momento em que tentava atingir seu limite de velocidade. Também temos casos de pessoas que retornaram com vários de si, interconectados mentalmente. Assim, podem usufruir de mais experiências ao

mesmo tempo - como se não tivessem tempo eterno - e ganhar mais dinheiro, como no caso da superstar norte-americana que realiza cinco shows ao mesmo tempo pelo mundo - sob ordens do pai. Uma farrá megalomaniaca. Existe também o serviço de segunda linha, em que seu corpo volta exatamente como era antes. Nem pior e nem melhor. Os clientes com problemas genéticos, por exemplo, não gostam muito. No final, mesmo para esses privilegiados e sortudos clientes, a felicidade ainda se impõe como algo valioso e raro.

A situação tem contornos ainda mais dramáticos quando consideramos os serviços não-oficiais: você pode voltar com um corpo com outra cor de pele, outro sexo biológico, membros extras, membros em outros lugares, corpos que mimetizam os corpos de outras pessoas. Claro, mantendo sua mente. Dissociação corpo e mente? Temos outra novidade no mundo dos eternal life. São incontáveis os casos em que a mente rejeitou as novidades corporais, ao ponto de hospitais de ponta terem uma ala toda dedicada a esses casos. Até mesmo uma nova especialidade da Medicina surgiu nesse contexto: a Eternidade Biológica.

A possibilidade de escolher cores, sexos, aparências e outras características apenas exacerbou o racismo, a misoginia e tantas outras questões do mundo de sempre. Nas mãos de alguns, a tecnologia se tornou um verdadeiro pesadelo para a sociedade. Dizem que uma vantagem da humanidade em morrer é poder findar aqueles que são maus, por mais poderosos que sejam. Agora, nem isso acontece mais. Aqueles que compõem o extrato social mais baixo são os mais afetados negativamente, pois apenas conseguem acessar serviços não oficiais da pior qualidade possível, em que o resultado é um Frankenstein pós-moderno. Um caso emblemático foi o de um rapaz da Alemanha, que retornou após perder a batalha para um câncer com um câncer ainda mais agressivo e sem nenhum dinheiro para tentar reencarnar, já que o serviço anterior, por mais ruim que fosse, ainda assim era caríssimo. Outro caso foi uma moça que voltou sem as duas pernas e a cabeça sem sustentação na Inglaterra. O algoritmo errou na leitura de comandos. Em países ricos esses casos geraram uma enorme repercussão sobre a tecnologia da vida eterna, fazendo surgir uma série de leis que buscassem proteger os seres humanos dos efeitos nocivos da nova tecnologia. Em países subdesenvolvidos, o uso não regulamentado da tecnologia da vida eterna destrói famílias inteiras. No Brasil, por exemplo, se tornou um problema tão incidente quanto a dengue. Políticos prometem oferecer pelo Sistema Único de Saúde (SUS) serviços de qualidade da vida eterna. Um grande grupo de

de reencarnados por serviços ruins e ilícitos anda a esmo pela capital paulista, no que ficou conhecido como Eternolândia, em alusão à Cracolândia. É comum que muitos, além de voltarem com uma série de problemas físicos, também acabem se tornando viciados devido às medicações utilizadas na recuperação. Os reencarnados moribundos vagueiam pelas ruas da cidade e vez ou outra se encontram com os moribundos da Cracolândia, o que sempre termina em grande confusão. Também devemos lembrar dos grupos religiosos, que condenaram desde o início a nova tecnologia, pois segundo eles, a única vida eterna possível é aquela após a morte e perto do Senhor. Grupos guerrilheiros religiosos promovem sequestros e destruição de materiais humanos que permitam a vida eterna das sedes da Eternal Life e tentam converter pessoas que desejam aderir aos serviços de vida eterna - pedem para que doem o dinheiro do serviço para a instituição religiosa. Voltando aos países desenvolvidos, a situação também encontrou problemas naqueles que já morreram há muitos e muitos anos atrás. Começaram trazendo de volta pessoas famosas e importantes cuja localização dos restos mortais era conhecida. Na família real inglesa, dizer que houve pancadaria generalizada entre reis e rainhas sobre quem ficaria no trono não é força de expressão. Tem até a anedota de que uma rainha inglesa vestirá as jóias da coroa eternamente sem poder retirá-las depois que outra rainha enterrou com todas as suas forças uma coroa sobre sua cabeça durante uma discussão no Palácio de Buckingham. Também temos os casos em que o reencarnado cometia suicídio, pois o novo mundo era inconcebível para ele. Outros, ao perceberem que muitos de seus entes amados não poderiam retornar, entravam em profundo estado de melancolia. Claro, da Vinci, por exemplo, está aproveitando demais. E sim, ele é genial.

Na cidade onde nasci, no interior paulista, sabe-se de uma meia dúzia de eternal life. Eu mesmo não tenho acesso a essa tecnologia e me nego a investir em serviços duvidosos: algumas centenas que contrataram serviços ruins de vida eterna agora vivem brigando nas redes sociais por restituições e melhorias. Para muitos de nós, a vida eterna é só um desejo de consumo inalcançável como mansões, carros esportivos e viagens internacionais e intergalácticas. De qualquer forma, podemos observar que a vida eterna não suprimiu as ânsias, necessidades e dúvidas de quem vive. Viver continua um mistério, às vezes sonho, às vezes pesadelo. Viver em plenitude é um mistério maior ainda. Numa pesquisa recente com pacientes em estado terminal sem acesso à

à vida eterna, disseram que o maior arrependimento era não ter vivido a vida que tiveram sendo fiéis a eles mesmos. Com a possibilidade de vida eterna hoje, como viver o sonho de uma vida sendo fiéis a nós mesmos sem o custo da infelicidade alheia?



A cidade de São Paulo. Foto de: Vinicius Low (Unsplash)

## Pesadelos são os materiais dos quais são forjados os sonhos

Pedro Henrique Rodrigues  
Colunista e Editor

**N**ão me lembro se foi no sábado à noite, véspera do Dia das Mães, ou no feriado propriamente dito, que ocorreria no dia 8 de maio de 2011, um domingo. Mães são tão relevantes que o feriado dedicado a elas é sempre em um domingo. De qualquer forma, as rodovias estavam cheias de automóveis. Primeiramente, fomos visitar minha avó materna em uma cidade vizinha com cerca de 40 mil habitantes. Na época, habitavam ela, sua filha, seu filho, sua neta e seu neto, os dois últimos filhos de sua filha. Uma família tradicional brasileira. O marido era finado há mais de 30 anos. Nunca o conheci. O que sei explica a pouca saudade de quem o conheceu. O relacionamento entre sua filha e sua neta não era das melhores, sempre rendendo discussões que tornavam os encontros memoráveis. Lavagem de roupa suja em família é minha atividade favorita, desde que eu não seja um dos protagonistas. Gosto de estar do lado, assistindo boquiaberto o desfile de mágoas passadas, gestuais intensos e olhos avermelhados vertendo lágrimas. O final acontece porque brigar cansa bastante e alguém sempre interrompe dizendo que a sobremesa

absurdamente doce, que nutre apenas os pontos da escala de glicose que nos aproxima cada vez mais da tia Bete? Eu gosto muito de sobremesa e amo ainda mais sobremesa pós-drama. O contraste do amargo da discussão com o doce da sobremesa forma uma combinação explosiva, viciante e temerária. Semana passada fiz o exame de glicose e ainda está dentro dos limites desejados. De qualquer forma, foi um encontro do jeitinho que as pessoas disfuncionais gostam. Atualmente, mais de dez anos depois, em que discussões sobre saúde mental, responsabilidade afetiva, laços familiares e tantos outros tópicos estão em supremacia, fica muito claro que só os membros desse encontro familiar seriam suficientes para deixar um psicólogo com demanda até os últimos dias de sua vida. Não estou exagerando. A situação é grave mesmo. Descobri, por exemplo, que como por compulsão. Só deixo a declaração da descoberta e retomo o fio da meada daquele fatídico sábado ou domingo de comemorações maternas. Saímos da casa de minha avó materna quando o sol ainda raiava sobre nós, pois ainda visitaríamos minha avó paterna que morava, pasmem, em um sítio cuja entrada ficava na mesma rodovia que ligava a cidade de minha avó materna e de meus pais. Bem prático. Eu já não morava com meus pais. No mesmo ano, tinha me mudado de cidade, distante quatro horas de viagem de ônibus, para iniciar meus estudos em uma instituição de ensino superior. Se eu soubesse o que passaria, jamais teria ido. Como tenho um excelente relacionamento com meus pais, a saída de casa foi muito dolorosa. Sim, meu caro leitor, tenho uma relação maravilhosa com meus pais. Mesmo que minha avó materna e também minha avó paterna tenham relações complicadas com seus filhos, o ciclo foi interrompido pelos meus pais. Mérito deles. Os



Trecho do videoclipe "911", de Lady Gaga (2020). Dir: Tarsem Singh. Reprodução



Trecho do videoclipe "911",  
de Lady Gaga (2020). Dir:  
Tarsem Singh. Reprodução

terapeutas que lutem com essa conquista primorosa em minha vida. Minha avó paterna não estava no sítio: soubemos depois que ela tinha saído para visitar outros parentes. A rodovia estava infestada de carros em velocidades sempre maiores do que o permitido. O fato de o asfalto estar em excelentes condições era um convite para um frenesi de velocidade quase no estilo Velozes e Furiosos. Uma dança macabra que sempre culmina em morte naquela rodovia. Lembro que dois anos depois um carro colidiu com uma vaca que escapou das agruras do proletariado vaqueiro e o chifre dela atravessou o vidro e o peito de uma mulher que estava no veículo. Sinceramente, não sei dizer se a alta velocidade foi uma questão primordial para o acontecimento do acidente, mas o ponto é que é uma rodovia de morte. Meu feriado que celebra a vida daquelas que trazem e nutrem a vida passava por um caminho marcado por morte. Ironias da vida. Ou da morte. Que se juntaram para uma dança do destino. Quando voltamos para a rodovia, já estava escurecendo. Por causa do cansaço das atividades universitárias e do passeio até então, estava deitado e sem o cinto de segurança. Foi por período de cinco minutos, mas uma força estranha acendeu sobremaneira o alerta vermelho para que eu me sentasse e utilizasse o cinto de segurança. Até hoje lembro que tomei essa decisão e que não foi por motivos óbvios. Foi simplesmente uma ordem do destino. Alguns minutos depois, quando a escuridão reinava sobre a rodovia, a multidão de carros ocupava freneticamente ambas as faixas mais veloz do que nunca. Logo após uma longa descida, a rodovia segue relativamente plana até o pedágio, após o qual logo é a entrada da cidade. No início do trajeto relativamente plano, um carro ultrapassou o carro em que eu estava com velocidade altíssima, fazendo o carro balançar e minha mãe colocar as mãos sobre a cabeça. Eu, meu pai e minha mãe ficamos de alerta quando alguns segundos depois, nosso carro acelerou inesperadamente, se inclinando cada vez mais para a esquerda até virar de ponta cabeça na rodovia. Na fração de tempo em que o veículo desatinava descontrolado rumo à destruição

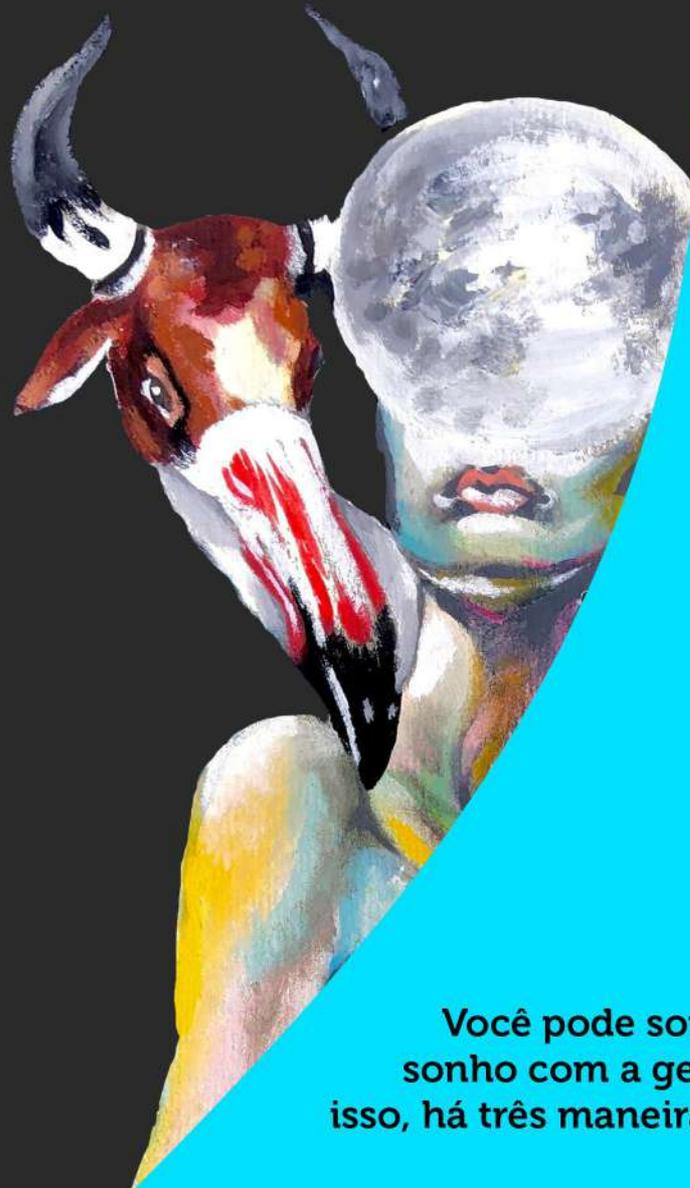
total, paradoxalmente minha percepção foi de que durou longos minutos, como se cada detalhe fosse ampliado para o meu sofrimento. No início imediato da aceleração inesperada do carro, lembro de esboçar um sorriso de nervoso e pensar: então é assim que é o fim? Luzes atravessavam minha visão lateral enquanto meu corpo rigidamente tentava acompanhar a violência do capotamento, ao mesmo tempo em que vejo as sombras de meus pais se contorcendo em minha frente. Para quem estava olhando de fora, foi extremamente rápido. Para quem estava dentro do veículo, foi um momento de lentidão paralisante: não havia nada que pudesse ser feito. Quando o carro parou de ponta cabeça no meio da rodovia, minha primeira reação foi checar se meus pais estavam vivos. Estavam. Pediram para que eu saísse do veículo rapidamente: como o veículo tinha parado no meio da rodovia, outro carro em alta velocidade poderia não ter tempo hábil de desviar e colidir com o nosso veículo. Mais violência. Explosão. Era o fim. Como diz minha mãe até hoje: foi um milagre, se é que cabe essa palavra aqui, que naquela rodovia lotada de veículos em alta velocidade em pleno feriado naquele momento do acidente nenhum carro ou caminhão tenha causado outra colisão com nosso veículo. Saímos do veículo intactos. Foi perda total. A louça que comprei de presente e estava no porta mala esfarelou. Um pequeno grupo de pessoas já tinha se unido quando chegou uma ambulância e um dos profissionais que se aproximou primeiro perguntou se havia sobreviventes, tamanha a violência da colisão. A partir disso, tudo é um borrão com lapsos temporais em minha mente. Lembro que enquanto estive deitado na maca dentro da ambulância até o hospital, fiquei cantarolando uma canção e pensando se alguma lesão interna lentamente me drenava a vida. Não lembro dos detalhes no hospital. Só lembro que minha mãe fez um pequeno curativo no joelho por conta dos estilhaços de vidro que ficaram nessa parte do corpo. De lá, fomos para a delegacia. Foi tão ruim quanto o acidente. É um daqueles momentos que você percebe que é morto socialmente, que não tem valor nenhum. Um dos policiais, bem alto e magro, agia como se fôssemos criminosos. Ele e outros policiais fizeram perguntas de forma rispida, anotaram informações e mais informações e como devem saber, ficou por isso mesmo. Ficamos sabendo que fomos vítimas de uma disputa de corrida entre veículos. O veículo que passou primeiro conseguiu ultrapassar e seguir em frente, mas o que estava acabou colidindo com a parte traseira esquerda do veículo em que estava. Fugiu sem prestar socorro. Ainda por cima, não sofreu absolutamente nada. O carro em que estava, como mencionei, virou sucata. Em nenhum momento tivemos apoio psicológico para passar por essa situação. Não teve nenhuma



investigação para encontrar o criminoso. Nem mesmo os familiares que visitamos ou tentamos visitar prestaram apoio após o acidente. Apenas um tio prestou apoio. Provavelmente, se tivéssemos falecido, teríamos recebido um pouco mais de atenção. Nessa dança do destino, fizemos alguns passos com a morte e finalizamos a dança com a vida. Ainda hoje não sei qual é a mensagem que devo extrair disso tudo. É engraçado como esses dias que mudam tudo eles não dão sinal nenhum de que isso vai acontecer. Não tem um mísero sinal. E depois que acontecem, o mundo continua exatamente o mesmo, totalmente indiferente ao que aconteceu. De certa forma, também morri um pouco naquele dia. Alguns românticos diriam que a mensagem está explícita: no dia ou véspera do dia das Mães, a peça central da Vida, o destino impôs meu renascimento para uma nova etapa de minha vida que tinha se iniciado no início daquele ano quando me mudei de cidade e comecei os estudos que me levaram onde estou hoje, feliz com minhas conquistas, envolto das atividades que sempre quis realizar, distante de laços de sangue que aprendi a duras penas a renunciar e com coragem para viver pois o amanhã pode nunca chegar. Para viver o sonho, tive que passar pelo pesadelo?

# Você Sabia?

A Revista O Odisseu é um projeto 100% independente e feito com a ajuda de diversos voluntários que amam a literatura! O nosso sonho é justamente democratizar um conteúdo crítico e progressista sobre a literatura na internet. Por isso, distribuimos nossos exemplares de forma gratuita.



Você pode sonhar este sonho com a gente! Para isso, há três maneiras de nos ajudar:

Compartilhe que recebeu a revista nos Storys do Instagram e marca a gente!  
@o\_odisseu



Nos envie um PIX de qualquer valor e contribua financeiramente!  
Chave: revistaoodisseu@gmail.com / Ewerton Cardoso Morais



Conheça nossa campanha no Apoia-se e contribua mensalmente com valores entre R\$ 5 e R\$20! [apoia.se/revistaoodisseu](https://apoia.se/revistaoodisseu)

**APOIA.se**

# Da Polifonia de Bakhtin ao imaginário popular: uma interseção com o teatro de Zé Celso

Denni Sales  
Autor Convidado

**H**á uma estreita ligação entre o teatro e o imaginário popular, ligação que assume um papel central e revela a conexão profunda entre essas duas esferas. Nos palcos, ecoam as narrativas, lendas, mitos e imagens que povoam o imaginário coletivo. A cultura simbólica e a visão de mundo constituem elementos-chave no conceito de "imaginário coletivo", uma noção que engloba todo o conjunto de imagens, histórias, ideias, símbolos e representações partilhadas por uma sociedade ou cultura específica. O imaginário popular abarca um vasto repertório de narrativas transmitidas ao longo das gerações, frequentemente explorando temas fundamentais, como a criação do universo, figuras heroicas, antagonistas e momentos históricos significativos. Esse universo também se encontra repleto de símbolos e ícones que personificam os valores, crenças e a identidade cultural de uma coletividade. Nessa interseção entre o teatro e o imaginário popular, emerge uma fascinante reflexão de como o palco funciona como catalisador para a expressão e preservação das histórias que moldam nossa compreensão coletiva de mundo.

Frequentemente, é comum encontrar arquétipos que encarnam papéis essenciais e recorrentes nas histórias e mitos de determinada cultura. Esses arquétipos não apenas habitam essas narrativas, mas também se materializam em imagens visuais que representam ideias ou conceitos, fortalecendo os valores, crenças e normas que moldam a sociedade. O espectro do imaginário abraça uma gama diversa de conceitos, abrangendo desde noções sobre justiça e moralidade até considerações sobre a importância da família, religião e a construção da identidade cultural.

Neste contexto, a linguagem desempenha um papel fundamental no cenário do imaginário popular, pois é através dela que as expressões idiomáticas, provérbios e frases populares muitas vezes encapsulam e refletem de maneira precisa as crenças e valores enraizados na cultura de uma sociedade.

Conforme discutido por autores como Bachelard e Durand, o imaginário popular refere-se às imagens e símbolos compartilhados que habitam o inconsciente coletivo de uma sociedade. Bachelard, em sua obra "A Poética do Espaço", explora o imaginário ligado aos lugares e espaços, argumentando que nossas experiências pessoais e culturais moldam nossas percepções e sentimentos em relação aos lugares. Ele examina como o imaginário popular se manifesta em nossos sonhos, memórias e construções literárias, evidenciando a profunda ligação entre a psique individual e o imaginário coletivo.

O imaginário popular é dinâmico e evolui ao longo do tempo, reflete mudanças culturais, sociais e históricas. Desempenha um papel importante na formação da identidade cultural de uma sociedade e na maneira como as pessoas compreendem o mundo ao seu redor. Acaba por ser um componente vital da herança cultural e da memória coletiva.

Por outro lado, a história do teatro mundial abrange milênios, décadas e épocas que englobam diversas culturas, história marcada sobretudo pelas raízes na Grécia Antiga, período em que ocorreram os festivais de teatro atenienses no século V a.C., momento também que marca a produção das obras mais influentes da história do teatro, incluindo as tragédias de Ésquilo, Sófocles e Eurípedes, assim como as comédias de Aristófanes. Obras que reverberam e são estudadas até hoje devido ao seu impacto duradouro na cultura teatral em todo o mundo, mais do que isso, são obras que residem no imaginário popular, pois abordam temas políticos, oferecendo insights profundos sobre a política e a sociedade da época, atuais até os dias de hoje.

Na Grécia Antiga, o teatro desempenhava um papel significativo na vida cultural e social, e sua relação com o povo era profunda e complexa. Assim como também no teatro da Idade Média, Renascimento, no teatro oriental, teatro dos séculos XVIII, XIX e XX e o teatro contemporâneo, sempre refletindo as mudanças sociais, políticas e artísticas ao longo dos séculos. Podemos dizer que o teatro continua a ser uma forma intensa de expressão artística e uma parte valiosa da cultura humana que, ao longo da história, tem sido também uma ferramenta poderosa para explorar, propor, comentar e influenciar questões políticas.

Para refletir melhor essa relação entre o teatro e o imaginário popular, podemos acessar a obra de Bakhtin e a teoria desenvolvida por ele, que é uma das ideias centrais de sua produção

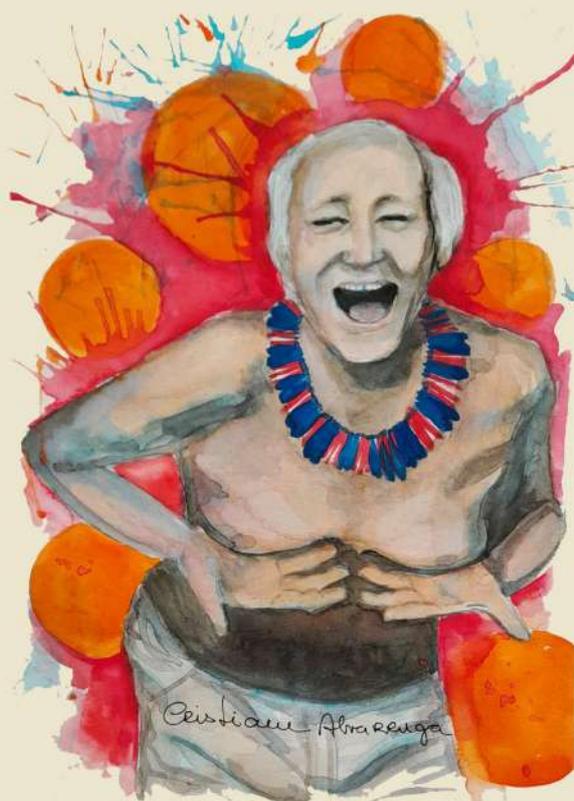
teórica sobre cultura e linguagem, na qual, entre muitas teorias, ele nos apresenta o conceito de carnavalização, que é o processo cultural pelo qual elementos da cultura popular, como festas populares, o humor subversivo e a paródia, subvertem as normas e hierarquias sociais. A carnavalização é uma das maneiras pelas quais a cultura popular desafia e transforma as convenções culturais e sociais estabelecidas.

As ideias de Bakhtin do mesmo modo têm aplicação na compreensão da tragédia grega. Embora Bakhtin não tenha escrito extensivamente sobre a tragédia grega, suas ideias sobre dialogismo, polifonia, heteroglossia e carnavalização podem ser aplicadas na análise dessas tragédias em um estudo mais profundo. Sua abordagem centrada na linguagem e no discurso oferece ferramentas valiosas para entender como a tragédia grega cria significado e representa a complexidade das experiências humanas.

É interessante pensar no uso do conceito de carnavalização como um disparador para compreender a dinâmica do teatro popular em todo o mundo. Ela pode criar um espaço para a expressão criativa, a crítica social e a celebração da diversidade. É nesse teatro, o qual chamamos de popular, que os personagens frequentemente desafiam as normas e as camadas sociais. São personagens de classes sociais mais baixas e podem assumir papéis de liderança ou desafiar autoridades. Essa inversão de papéis é uma forma de carnavalização. O humor é também uma ferramenta utilizada e comum no teatro popular, um exemplo claro é como a sátira é usada para zombar de figuras de autoridade, instituições e convenções sociais. O uso do humor subversivo pode criar uma atmosfera de carnavalização. As máscaras e disfarces são elementos frequentes em muitas formas de teatro popular; elas permitem que os atores assumam identidades diferentes das suas, muitas vezes desafiando as expectativas sociais. Em algumas formas de teatro popular, as representações ocorrem durante festas e celebrações, que muitas vezes incluem elementos de festivais populares. Personagens em peças de teatro popular frequentemente apresentam características exageradas, caricaturas e comportamentos extremos. Essa representação exagerada é uma forma desafiante para a normalidade, pois revela aspectos ocultos da sociedade. O teatro popular muitas vezes apresenta narrativas de resistência contra opressão, injustiça e desigualdade; essas narrativas desafiam as estruturas de poder estabelecidas. Em muitas formas de teatro popular, a participação ativa do público é incentivada. O público pode ser convidado a interagir com os atores, tomar decisões ou até

ou até mesmo participar das performances. Essa interação ativa cria um senso de comunhão e carnavalização. O teatro popular frequentemente celebra a diversidade cultural, étnica e social. Esse certamente é um ato que desafia as normas homogeneizantes, promovendo uma visão mais inclusiva da sociedade.

Neste ano de 2023, o teatro brasileiro perdeu um de seus maiores expoentes aproximados dessa perspectiva polifônica de Bakhtin, onde à multiplicidade de vozes e pontos de vista são incorporados em um texto literário ou em uma obra de arte sem ser dominado por uma única voz ou perspectiva do autor, mas incorporando uma diversidade de vozes, cada uma com sua própria ideologia, visão de mundo e valores: Zé Celso Martinez Corrêa!



Arte de Cristiane Alvarenga  
@abstratas\_cristianealvarenga

Ele, que fundou o Teatro Oficina em 1958 e transformou o grupo em um dos mais renomados do teatro brasileiro, certamente possui um papel significativo na história do teatro brasileiro e internacional. O Teatro Oficina é conhecido por sua abordagem inovadora e experimental. O grupo se destaca principalmente pela sua busca incessante e incansável de novas linguagens teatrais. Junto com o Teatro Oficina, Zé Celso teve influência significativa na vanguarda do teatro brasileiro. Com seu espaço projetado em São Paulo, pela arquiteta Lina Bo Bardi, o teatro também se destacou pela arquitetura enérgica e inovadora, que incorpora elementos da cultura brasileira. Uma espécie de "bakhtinização" espacial.

As produções dirigidas por Zé Celso incorporaram música, dança, vídeo e elementos visuais em suas apresentações, desafiando as convenções teatrais tradicionais e expandindo os limites da expressão artística. O envolvimento de Zé Celso com questões políticas reverberou em suas montagens e na própria estética do Teatro Oficina. Vale destacar que, durante a ditadura militar, o grupo se posicionou contra o regime autoritário e enfrentou a censura, resultando em confrontos com as autoridades.

Entre os trabalhos realizados por Zé Celso e o Teatro Oficina, releituras de obras clássicas, como "Édipo Rei" de Sófocles e "Os Sertões" de Euclides da Cunha, ficaram famosas por trazerem uma abordagem contemporânea e brasileira para essas narrativas. Essas obras são frequentemente mencionadas nos livros sobre a história do teatro brasileiro, destacando a importância da figura de Zé Celso e do Teatro Oficina para a história do nosso teatro. Ressaltando o legado do Teatro Oficina, que também é considerado uma instituição cultural fundamental no Brasil e contribui para a formação de novos artistas, inspirando inclusive gerações de teatrólogos e artistas cênicos. Um compromisso com a inovação, a experimentação e o engajamento político que deixou uma marca indelével na história do teatro brasileiro e internacional.

É interessante constatar como Bakhtin, o Imaginário Popular e o Teatro Oficina dirigido por Zé Celso formam um notável conjunto de elementos que se entrelaçam na esfera da cultura, da linguagem e do teatro. Bakhtin estava particularmente dedicado à natureza dialógica da linguagem, destacando como a comunicação é essencialmente um diálogo entre vozes e perspectivas diversas. Os conceitos introduzidos por ele, como "polifonia" e "heteroglossia," enfatizam a multiplicidade de vozes e estilos linguísticos em uma sociedade. No contexto do imaginário popular, as ideias de Bakhtin destacam como as narrativas, os mitos e as lendas populares são espaços de interação de vozes culturais profundas. O imaginário popular é um terreno fértil

para a polifonia, com suas histórias compartilhadas e símbolos; esse terreno é dinâmico e evolui ao longo do tempo, espelha as mudanças culturais e sociais, frequentemente se manifesta no teatro. Muitas vezes, o teatro é a ferramenta para dar vida a essas histórias e para explorar as questões socioculturais que estão enraizadas no imaginário popular.

Zé Celso e seu teatro possuíam uma afinidade particular para explorar mitos, rituais e símbolos do Brasil, dando-lhes vida em um contexto contemporâneo. Ele reinterpreta tradições culturais e folclóricas, trazendo-as para o centro do palco. Essa abordagem não apenas celebra a riqueza do imaginário popular brasileiro, mas também desafia as convenções teatrais tradicionais, seguindo a visão de Bakhtin de que a linguagem e a cultura são espaços de diálogo e interação. O Teatro Oficina, portanto, é um exemplo vivo de como o teatro pode ser uma manifestação da polifonia e da heteroglossia culturais, onde múltiplas vozes e perspectivas convergem para criar experiências teatrais profundas e ricas. O legado de Zé Celso é multifacetado, profundo e contínuo, pois há de reverberar em todos que tiveram contato com ele e certamente se fará presente no nosso imaginário estético, coletivo e teatral. Zé Celso tinha compromisso com a cultura e sua figura é inspiradora e impactante no panorama cultural do Brasil. Ele é uma voz que não apenas ecoa no teatro, mas que também ressoa nas lutas e na criatividade de uma voz que não apenas ecoa no teatro, mas que também ressoa nas lutas e na criatividade de um teatro feito no Brasil.



## Sobre o autor convidado - Denni Sales (@denni\_sales)

Mestrando em Artes Cênicas pelo PPGAC-UFBA. Ator, dramaturgo e artista multimídia. Formou-se em filosofia pela UFAM, possui especialização em Gestão e Produção Cultural pela UEA e formação técnica em Publicidade e Propaganda e Artes Cênicas. Integrou em 2005 o teatro popular do Sesi Amazonas, fez parte do Teatro Experimental do SESC Amazonas – TESC – de 2006 a 2012, fez residência no Teatro Club Noir (2015). Traz experiência na área audiovisual, onde atuou e participou de festivais. Como dramaturgo ganhou o prêmio de dramaturgia "Álvaro Braga" (SEC – 2009), com a comédia "A diabólica Mary Spears", teve a peça "Coisas para depois de meia-noite" traduzida para o inglês pelo Observatório de tradução: Arte, mídia e ensino, projeto da UFES, tem publicações de peças em coletâneas com outros autores: "Outras dramaturgias" (Thysanura edições de rua), "Sábados detonados" (Valer editora), "Amazonas dramaturgia" (Fetam) e "A diabólica Mary Spears" (Coleção PROARTE literatura). Transita pelas linguagens do audiovisual, teatro, performance e produção cultural, participando da idealização e produção de festivais, mostras e eventos. Em 2019 integrou o coletivo NUPRAMTA. Sites: <https://nupramta.art/sobre/>



O cartunista Mauricio de Sousa (divulgação)

Reportagem

## Literatura infantil e o imaginário do adulto brasileiro

Ewerton Ulysses Cardoso

No curso de Letras, é comum encontrar pessoas que, mesmo amando a literatura, contam uma história de recém-descoberta desse mundo. Em grande parte, isso se dá pela ausência de boas experiências com a literatura que nos apresentam na escola. Os grandes clássicos, sobretudo os romances indianistas de José de Alencar e "O Cortiço", de Aluísio de Azevedo, campeões de insatisfação, são odiados pela maioria dos alunos que insistem em perguntar: "não deveriam dar isso para crianças lerem!". Não cabe aqui polemizar se essas são ou não obras que crianças deveriam ler nas escolas (a isso cabe outra reportagem), mas sim questionar: como esses alunos de Letras conseguiram gostar de literatura se as experiências que tiveram na escola com os clássicos brasileiros foram insatisfatórias? A resposta é clara: fora da escola. Conversando com alguns amigos para fazer essa reportagem, descobri que o que despertou o imaginário foram os livros infantojuvenis mesmo. Geralmente, são romances bobos, digo, sem grandes questões filosóficas explícitas ou sem linguagem rebuscada. Aqui vai o nome de algumas das obras que eu consegui registrar:

- A Série "Percy Jackson", de Rick Riordan (a mais mencionada);

-Série "Os Instrumentos Mortais", de Cassandra Clare e Joshua Lewis;

-A série "Diário de um Banana", de Jeff Kinney;

- "O Guia do Mochileiro das Galáxias", de Douglas Adams;

-Histórias em quadrinhos, Mangás e Gibis: "Turma da Mônica" (principalmente), Série "X-Man", "Avatar: A Lenda de Ang", entre outros.

O mais curioso é que esses livros levaram esses alunos (alguns professores também) a se aproximarem dos clássicos da literatura universal. Por exemplo, de "Percy Jackson", muitos chegaram a "A Odisseia", de Homero, e a "Os Lusíadas", de Camões. De "O Guia do Mochileiro das Galáxias", chegou-se a George Orwell e a Evgeni Zamiatan. Em conversa com o escritor Marcus Vinicius Rodrigues, membro da Academia de Letras da Bahia, vi algo muito semelhante ao que vi dos alunos de Letras da minha geração:

"Eu tive muita sorte de me formar em um mundo ainda sem telas e televisão, em algum período da infância era quase inexistente, época em que morei no Maranhão e no Amazonas. Restavam os livros que, também por sorte, havia em casa e pais que liam. Tive poucos livros infantis próprios para mim, minha memória de leitura mais antiga é de uma enciclopédia ilustrada para jovens – gostava das narrativas de mitologia grega –; livros da coleção Sabrina, (...)

Bianca e Júlia, de minha mãe, e livros de faroeste, de meu pai. Lembro de “O Menino do Dedo Verde”, das revistas da Disney e os heróis da DC e Marvel. Acompanho os X-men desde os onze anos de idade”

### **Marcus Vinicius Rodrigues**

Escritor e Vice Presidente da Academia de Letras da Bahia

Essa narrativa é mais comum do que se imagina. Os escritores, quase todos, tiveram contato com as literaturas infantis e, muitas vezes, até mesmo de qualidade duvidosa. Recentemente, na sua posse como imortal na Academia Brasileira de Letras, a professora Heloisa Teixeira falou um pouco sobre o seu contato inicial com a literatura:

“Eu sempre li muito, mas não fui uma leitura precoce, como muitos que leram Proust aos 8 anos ou se deslumbraram com Joyce aos 12. Lia mesmo eram romances cor de rosa, as aventuras de Júlio Verne e, na realidade, qualquer coisa que me caísse nas mãos”.

### **Heloisa Teixeira**

Escritora e imortal da Academia Brasileira de Letras

Tudo bem que Júlio Verne é, ao menos para mim, o que podemos chamar de “alta literatura”. Mas eu entendi o ponto da Heloisa: não eram os grandes e difíceis livros que, por vezes, é o que parece fazer os grandes leitores.

Para acrescentar a discussão, cabe trazer outra recente reflexão sobre literatura infantil.

## **E onde fica a Literatura Infantil?**

Este ano, o ícone brasileiro Mauricio de Sousa candidatou-se a uma vaga na Academia Brasileira de Letras. A vaga seria para suceder a estudiosa da literatura (sobretudo literatura portuguesa) Cleonice Berardinelli. Antes mesmo da votação, os jornais já anunciavam que era muito difícil que Mauricio levasse a melhor.

Em 17 de março de 2023, a Folha de Pernambuco publicou: “Mauricio de Sousa agrada, mas não é favorito para vaga na ABL”. A profecia se cumpriu. Ricardo Cavaliere, filólogo e professor aposentado da Universidade Federal Fluminense, levou 35 dos 38 votos disponíveis que iriam eleger o novo imortal para a cadeira de número 8. Logo após a eleição, Mauricio fez uma publicação em seu Instagram na qual perguntava: “e onde fica a literatura infantil?”.

Convenhamos que a Academia estimula uma competição, o que eu considero saudável, entre os escritores e gêneros literários. Dito isso,

**lembro as palavras de Marcus Vinicius Rodrigues em seu depoimento para esta reportagem:**

“Costumo dizer que não há competição na literatura. Cada escritor luta para criar o próprio universo que não se sobrepõe a ninguém e não é sobreposto por nada.

O êxito consiste em se tornar único no que faz e conseguir que o texto permaneça uma potência de significados na distância do espaço e do tempo. O que eu desejo é criar um imaginário particular que seja sedutor para o leitor... que ele queira entrar nas minhas palavras, que saia modificado”.

### **Marcus Vinicius Rodrigues**

Escritor e Vice Presidente da Academia de Letras da Bahia

Um primeiro passo para a problematização é este: mas revista em quadrinho é literatura? Fiz essa pergunta para o autor de histórias em quadrinhos paulistano Gui Feliciano. Gui faz parte do coletivo de artistas “Seca de Nanquim” desde 2016. Sobre o assunto, ele diz:

“Sinceramente, eu achei curiosa a discussão sobre história em quadrinhos ser ou não literatura. Pensando a respeito, percebi porque as pessoas estavam alvoroçando tanto. Ao meu ver, quadrinho é e não é literatura ao mesmo tempo. Enquanto arte, quadrinho não é literatura. Não mesmo. O estilo narrativo, os elementos, o trabalho por trás da produção... Até tem elementos em comum (roteiro, construção narrativa, trabalho textual...), mas até o cinema também tem. Então eu não diria que quadrinho é literatura, enquanto arte. Todavia, enquanto produção cultural, acredito que dá para chamar de literatura, sim. Mas mais por conveniência. Essas artes são dois mundos independentes que às vezes interagem. Se elas são parecidas ou diferentes, depende muito de quem analisa e das experiências de cada um. Afinal, quando se fala de opinião, não existe verdade absoluta”.

Bom, algo que é inegável é que, sendo literatura ou não, as revistas em quadrinho fizeram parte da construção do leitor e Mauricio de Sousa ajudou a permear o imaginário de uma geração inteira com palavras e imagens. Semelhantemente, o trabalho impressionante de Gui também ajuda nesse sentido.

“No meu trabalho, especificamente, já tive leitores que comentaram sobre como o ritmo da história guia a experiência deles. Como virar uma página traz tensão para a leitura, assim como as partes que não são mostradas geram curiosidade. A imaginação da pessoa é o que gera essa expectativa: o que vai acontecer? Quem é esse personagem? Por que ele fez isso?”

**Gui Feliciano**  
Quadrinista

Também é inegável que essa “tensão” faz parte da experiência de leitura de uma obra literária. Nesse ponto, Gui parece está correto: mesmo que não seja a mesma coisa (a literatura e os quadrinhos), elas conversam muito e têm pontos em comum.

## Um Doutor Honoris à literatura infantil

Termino esta reportagem falando da emocionante entrega do título de Doutor Honoris Causa a Egbomi do Terreiro Ilê Exé Opó Aganjú, Nancy de Souza e Silva, mais conhecida como Vovó Cici, na Universidade Federal da Bahia. Cici foi a primeira mulher negra a receber o título na Universidade e é uma representante da literatura oral para o público infantil, embora de forma alguma se limite a este. Na verdade, Cici faz um trabalho importantíssimo de contar histórias milenares do povo negro, histórias que resistiram a toda brutalidade da escravidão e do preconceito. Isso sem recorrer à palavra escrita. É tudo oral (outra modalidade de literatura).

Ao longo de décadas, as histórias de Vovó Cici povoam o imaginário de um povo. Essa, de certa forma, é a tarefa da literatura infantil para a construção do imaginário do adulto e também do escritor. Por isso, termino esta reportagem com as palavras de Marcus Vinicius Rodrigues:

“Em Salvador, na adolescência, mergulhei de vez na literatura. Livros da escola, os clássicos, livros do tipo best-sellers, li de tudo. A vontade de escrever veio da sensação de compreender como aquilo era feito. Eu queria fazer também. Ainda que, desde que me lembre, meus textos chamassem a atenção, estudei muito para, enfim, produzir alguma coisa que se fizesse publicar. Comecei imitando os poetas das escolas literárias que lia na escola até, muitos anos depois, sentir que cada vez mais escrevo parecido comigo mesmo”.

**Marcus Vinicius Rodrigues**  
Escritor e Vice Presidente da Academia de Letras da Bahia



Vovó Cici recebe título de Doutora Honoris Causa da Ufba. Crédito: Paula Froes / CORREIO



"Star Maker", de Remedios Varo

Ensaio

## Sonho intranquilo das civilizações

Hyann Pedro Rodrigues  
Colunista

"Certa manhã, acordou de sonhos intranquilos". Essa frase, quase perfeita, parece antever o tamanho da jornada pela frente. Muitas vezes noites e noites insones, e outras apesar do sono, entre a profunda vontade de atravessar e o vazio da última página tudo. Poucas frases parecem tão boas, com exceção de algumas como "Durante muito tempo, deitava-me cedo. Às vezes, mal-apagada a vela, meus olhos se fechavam tão depressa que eu nem tinha tempo de pensar. 'Vou dormir'".

Antônio Candido disse em *Literatura e Sociedade* que a literatura é o sonho desperto das civilizações. O fato é que ela, assim como Kafka e Proust, parece estar imbuída de uma aura de sonho acordado. Algo que Freud também propõe em seu livro *Literatura e Psicanálise*, no seu texto *Escritores criativos e devaneios*. Sei que há quem

defenda uma definição menos poética e mais exata. Afinal de contas, a literatura é também um campo de estudo e exige que seja tratada com seriedade, em uma fórmula que tal qual Platão, ao expulsar o poeta, expulsássemos nós também o poético, o sonho da literatura. No entanto, para qualquer um que leu *Grande Sertão: Veredas*, sabe que o mundo é muito misturado, e deveria saber que uma coisa é sempre outra coisa.

Para além das definições poéticas, das disputas acadêmicas, se a literatura é de fato o sonho desperto da civilização, eu não sei. Mas o que sei é como o sonho que ela engendra em nós alimenta todo um mundo, faz superar os invernos e desertos mais severos, o dia, a noite e o medo da morte. O impossível dentro do possível, a coisa dentro da coisa, o cochilo na vigília da realidade. E essa literatura, de sonho, é o que me salvou muitas vezes.

Quando eu estava no ensino médio, eu sonhava em me mudar para Marte, igual no filme *Marte Um* (2022) de Gabriel Martins. Diferente do que pode parecer, sonhar com isso foi o que me permitiu, durante anos, sobreviver a um contexto onde faltava tudo, inclusive as palavras. Diante da realidade, o deserto gelado de Marte nada tinha de desolado na segurança dos trajes espaciais e das luvas de proteção.

Nesse sonho, bastante simples na minha cabeça de 15 anos, eu me inscreveria no programa *Mars One* e, claramente, seria chamado. Sendo assim, até, no máximo, 2025 estaria morando no planeta vermelho. Sem passagem de volta, as fugas da adolescência têm o seu toque mágico, entre o sonho e o delirar.

Eu não fui para Marte, obviamente, e até onde sei ninguém foi também. No entanto, a minha não ida, nada teve a ver com a falta de verba, ou de tecnologia, de governos e empresas para ir até o planeta de onde tudo é deserto. Na verdade, é que no meio do caminho até Marte tinha uma professora de literatura.

Isso aconteceu quando eu tinha 15 anos e estava no segundo ano do ensino médio em uma escola na periferia de Guarulhos. Como minha professora dizia: para quem sabe ler, um pingo é letra. Acredito que ao se deparar com a minha sala, ela sentiu o baque, pois o meu caso não era o único. Muito pelo contrário, entre nós do 2C, havia os que acreditavam ser vampiros, a menina que queria ser bruxa e os que tinham certeza de que eram astros do Rock, em ascensão, mas já astros. Minha sala sonhava à luz do dia em uma realidade intranquila. Parafrazeando Adriana Calcanhotto, nós ardíamos de desejo, queimávamos de vontade.

Lembro até hoje do primeiro de muitos livros que ela me deu, chamava-se "As Crônicas Marcianas" de Ray Bradbury. E eu, que nada sabia, nem de literatura, e muito menos do mundo à volta, não parava de ler, nem de sonhar. Depois disso, ela propôs outro desafio: "já que você gosta tanto de ficção científica, por que não ler 'O Alienista' de Machado de Assis? É uma ficção, por ser literatura, e científica, porque tem um protagonista médico e muito ligado à ciência". Ela me disse isso como se fosse a coisa mais clara do mundo. O truque funcionou, e pouco tempo depois eu já estava lendo também "As Horas Nuas" de Lygia Fagundes Telles e quebrando a cabeça para saber como podia um gato sonhar com vidas passadas e quem era aquela mulher que trocava tanto de nome. Nessa história de fugas e livros, para a faculdade de letras foi um pulo de foguete ou um pingo.

Não ignoro que literatura tem o seu caráter formativo, ilustrador do real e sintetizador do mundo material. Mas isso tudo é assunto para outra conversa, até porque para mim a literatura sempre foi mais do que o exercício do simbólico sobre o real. Eu me lembro de um professor da faculdade que nos contou, em uma das suas aulas sobre literatura e cinema, que a maneira que sonhamos já não é mais da maneira que sonhavam as pessoas antes do cinema. De acordo com ele, o nosso sonho é "contaminado" pela nossa exposição ao cinema, com seus truques de câmeras e planos. Se o cinema nos modifica o sonho, a arte, da qual a literatura faz parte, nos faz sonhar os sonhos uns dos outros, mas chegaremos lá.

Lembro de ouvir em uma matéria da faculdade de crítica literária, a história de como Clarice Lispector ficou acamada depois de ter lido o "Idiota" de Dostoiévski. Segundo essa história, Lispector delirou de febre por dias. Pouco depois seria eu quem teria pesadelos, porém com G.H e sua barata, que me perseguia pelos corredores labirínticos da biblioteca. Talvez fruto do final de semestre ou falta de sono, que por sua vez também era culpa do final do

semestre, o sonho se repetia até a entrega do trabalho final sobre "A Hora da Estrela".

Tudo isso me faz pensar em "A Elegância do Ouriço" de Muriel Barbery, livro que toca, entre outras coisas, na ideia do sonho acordado (nos seus múltiplos sentidos) que a literatura e a arte podem nos proporcionar. Na obra, somos apresentados a uma rede de personagens, habitantes do mesmo prédio de alto padrão em Paris. A narrativa gira em torno de Paloma e Renée. Paloma, personagem filha de um casal composto por uma psicóloga e um político da esquerda, ela está decidida a se matar, pois a vida não é capaz de lhe dar motivos para querer continuar no mundo. Sua única via de salvação e possibilidade de desistir parece estar na capacidade da arte e da sensibilidade de transcender. Renée, por sua vez, zeladora do prédio, passa a vida a se esconder, tendo na literatura e na filosofia a casca que a envolve e protege da aspereza do mundo e mantém viva, ainda que uma vida clandestina e oculta àqueles que a cercam. A Elegância do Ouriço é um daqueles livros que navega por caminhos profundos com a delicadeza e sutileza da qual poucos são capazes. A história de Renée desmente Calderon de Labarca quando este diz na sua peça "A Vida e o Sonho", que "Sonha o rico na riqueza, que mais ânsias lhe oferece; sonha o pobre que padece sua miséria e sua pobreza; (...) e no mundo, em conclusão, todos sonham o que são, porém ninguém o entende." Para Barbery, não sonhamos só quem somos, porque o que somos não está definido até o fechar de olhos. Renée e Paloma compreendem que os sonhos, sonhos são, coisa que ninguém entende.

Outra narrativa que explora o sonho, porém de outra forma, é o livro "O Fazedor" de Jorge Luis Borges. Um livro que por si só parece encapsulado na aura de sonho e melancolia. Se dificulta separar o que é sonho e o que é dilema. Da morte de Homero, passando pelos dilemas de um Quixote assassino e do pagar de contas dos mortos. Histórias que, por vezes, se entrelaçam com a própria biografia de Borges, e que em outras se desmentem e contradizem em uma lógica labiríntica na qual Borges tão bem sabia operar.

Em "O Fazedor", dentre tantas reflexões, uma me parece saltar das páginas, a ideia de um sonhar coletivo, entrelaçado entre temporalidades e seres no mais profundo da sua subjetividade. Ideia essa de sonhar o outro e o sonho do outro, presente em outro conto de Borges, "As Ruínas Circulares", no qual um mago tem o objetivo de, através do sonho, gerar outro mago, chegando à inevitável conclusão de que ele também é o sonho de outro. E não seria em certa medida essa a sina da nossa tradição? A

A recontagem de sonhos já sonhados, sonhando o mesmo sonho ou reinventando os sonhos dos outros? Virgílio sonhado por Dante, sonhado por Goethe, sonhado por Thomas Mann.

Isso quando não somos nós mesmos, assim como o mago de Borges, o sonho do outro. Sejam aqueles que vieram antes de nós e nos desejaram e deram nome, ou quando somos nós mesmos no presente, parte do sonho da nossa criança interior.

Eu não fui para Marte como queria, mas acho que meu eu de 15 anos não se importaria se descobrisse que não é necessário fugir para Marte, na verdade, não é necessário fugir para lugar algum. Nas fugas complicadíssimas dos monólogos de Rosa Rosae, da Volta a Ítaca de Odisseu, de Pierre e sua Moscou incendiada, de Guerra e Paz e tantas outras. Vivendo do nosso sonho intranquilo da civilização.



Remedios Varo "Naturaleza muerta resucitando"



# Sobre a artista Remedios Varo

**R**emedios Varo foi uma renomada artista surrealista de origem espanhola, nascida em 16 de dezembro de 1908 em Anglès, na Espanha, e falecida em 8 de outubro de 1963 na Cidade do México, onde passou a maior parte de sua vida adulta. Ela é amplamente considerada uma das pintoras mais influentes do movimento surrealista, apesar de não ser tão conhecida como alguns de seus contemporâneos masculinos, como Salvador Dalí ou Max Ernst. Muitas das pinturas de Remedios Varo exploram temas femininos e questões de identidade de gênero. Ela frequentemente retrata mulheres em situações intrigantes e desafiadoras, muitas vezes em busca de liberdade e autodeterminação.

**Expediente da Edição:**  
**Direção de Conteúdo:**  
Aline Félix  
Ewerton Ulysses Cardoso  
Pedro Henrique Rodrigues

**Arte da Capa:**  
Maion Aquino (@aquinart)  
Ewerton Ulysses Cardoso

**Diagramação:**  
Ewerton Ulysses Cardoso

**Nossos agradecimentos aos  
nossos apoiadores!**

Aline F.  
Jhanade  
Aline Fraga  
Gisele  
Tatiana